

SOPRO

49



Notas sobre o local

TIQQUN

Tudo o que para nós hoje compõe uma paisagem aceitável é o fruto de violências sanguinárias e de conflitos de uma rara brutalidade. Pode-se assim resumir o que o governo democrático quer nos fazer esquecer. Esquecer que a periferia devorou o campo, que a fábrica devorou a periferia, que a metrópole tentacular, ensurdecidora e sem descanso devorou tudo.

Constatar isso não significa lamentar. Constatar significa: apreender as possibilidades. No passado, no presente.

O território quadriculado no qual corre nosso cotidiano, entre o supermercado e os códigos digitais das portas de entrada, entre as luzes da sinalização e as passagens de pedestres, *constitui-nos*. Nós somos, desse modo, *habitados* pelo espaço no qual vivemos. E mais do que tudo ou quase tudo, agora ele funciona como mensagem subliminar. Nós não fazemos certas coisas em certos lugares porque isso *não se faz*.

O mobiliário urbano, por exemplo, não tem quase nenhuma utilidade - quantas vezes não nos surpreendemos pensando sobre quem poderia ocupar os bancos de uma nova praça sem sucumbir ao mais violento desespero? -; ele tem um sentido e uma função, e esse sentido e essa função são dissuasivas: sua missão é nos lembrar de que “você não está em sua casa a não ser em sua casa, ou onde você paga, ou onde você é vigiado”.

O mundo se globaliza, mas ele se estreita.

A paisagem física que nós atravessamos todos os dias em alta velocidade (de carro, nos transportes públicos, a pé, com pressa) tem efetivamente um caráter irreal porque ninguém aí vive nada nem pode nada aí viver. É uma espécie de micro-deserto no qual estamos como exilados, entre uma propriedade privada e outra, entre uma obrigação e outra.

Muito mais acolhedora nos parece a paisagem virtual. A tela de cristal líquido do computador, a navegação na Internet, os universos televisivos ou o playstation nos são infinitamente mais familiares do que as ruas do nosso bairro, povoadas durante a noite pela luz lunar da iluminação pública e pelas portas metálicas das lojas fechadas.

O que se opõe ao local não é o global, mas o virtual.

O global opõe-se tão pouco ao local pois é ele quem o produz. O global designa somente certa distribuição de diferenças a partir de uma norma que as homogeniza. O folclore é o efeito do cosmopolitismo. Se nós não soubéssemos que o local é local, ele seria para nós uma pequena globalidade. O local aparece na medida em que o global se torna possível e necessário. Ir trabalhar, fazer suas compras, viajar *para longe* de casa, é isso que faz do local o local, este que, de outro modo, seria modestamente o lugar onde vivemos.

Desse modo, falando claramente, nós não *vivemos* em nenhuma parte.

Nossa existência é somente organizada segundo os horários e topologias dos hábitos personalizados.

Mas não é tudo, quer-SE-ia nos fazer viver hoje no *virtual*, definitivamente deportados. Aí se recomporia numa curiosa unidade de não-tempo e de não-lugar a vida que SE nos deseja. O virtual, diz uma publicidade para Internet, é “o lugar onde você pode fazer tudo o que você não pode fazer na realidade”. Mas aí onde “tudo é permitido” está o mecanismo de passagem da potência ao ato sob vigia. Em outros termos: o virtual é o endereço em que os possíveis jamais se tornam reais e permanecem indefinidamente no estado

de virtualidade. Aqui a prevenção ganhou da intervenção: se tudo é possível no virtual é porque o dispositivo assegura que tudo permanece imutável na nossa vida real. Logo, diz-SE, nós tele-trabalharemos e tele-consumiremos. Na televida nós seremos mais atingidos pelo doloroso sentimento de aborto dos possíveis que ainda habitam o espaço público, a cada nova perspectiva e tão logo abandonada. O desconforto de estar imerso entre nossos contemporâneos frequentemente desconhecidos, nas ruas ou em qualquer outra parte, será abolido. O local, expulso do global, será projetado no virtual para nos fazer definitivamente crer que há somente o global. Recobrir essa uniformidade com multi-etnia e multi-culturalismo será necessário para fazer engolir a pílula.

Aguardando a televida nós lançamos a hipótese de que nossos corpos no espaço têm um sentido *político* e de que a dominação faz manipulações permanentes para ocultá-lo. Criar um slogan na própria casa não é a mesma coisa que criá-lo numa escadaria pública ou na rua. O fazer sozinho não é a mesma coisa que o fazer em muitos, e assim sucessivamente.

O espaço é *político* e o espaço é *vivo*, porque o espaço é povoado, povoado pelos nossos corpos que o transformam pelo simples fato de que ele os contém. E é por isso que ele é vigiado e é por isso que ele é fechado.

É uma falsa ideia de espaço aquela que o apresenta como um vazio que seria preenchido por objetos, corpos, coisas. Ao contrário, é essa ideia do espaço que é obtida removendo mentalmente de um espaço concreto todos os objetos, todos os corpos, todas as coisas que o habitam. O poder presente certamente materializou essa ideia nas suas esplanadas, nas suas auto-estradas, nas sua arquitetura. Mas ela é frequentemente ameaçada pelo seu vício de origem. Que algo tenha lugar no espaço que ela controla, que em favor de um evento um pedaço desse espaço torne-se um *lugar*, faça uma dobra inesperada, eis tudo o que quer conjurar a ordem global. E contra isso ele, o poder, inventou “o local”, no sentido de um ajustamento contínuo de todos os seus dispositivos de apreensão, de captura e de gestão.

É por isso que digo que o local é político, pois ele é o *lugar* do confronto presente.

Tradução de Vinícius Honesko

NOTES FOR THE RECONSTRUCTION OF A LOST WORLD by Flávio de Carvalho

AGE OF HUNGER MAN THE IDIOT ADVENTURE OF HOMO FABER (animism)	PSYCHO-BIOLOGICAL FINALITY in the order of healing	PSYCHO MORBID AFFECTION belonging to evolution	MANIFESTATIONS OF PRIMITIVE MAN, CHILD, PSYCHO MORBID MAN AND MAN INSIDE EVOLUTION	TYPES OF MECHANISMS -DREAM -HYPNOSIS -COEPUSCULAR STATE (Hypnosis) -incoherence and no superior state of personality	PHYLOGENETIC AGE time when disturbance is healed measur- ed from the beginning in years
P A S S I V E D I R E C T I O N O F P E R C E P T I O N A N D T H O U G H T	DISTURBANCE OF PERCEPTION By the babbling of vowels man learns to feel thirsty and hungry so as to survive Practicing of respiration and drying of the mucosa	HEBEPHRENIC silly behaviour in Silly Trimestrial	Silly Trimestrial: silly behaviour of child, man inside evolution, primitive man and the psycho-morbid/criminal Alucinations and illusions, Ganser's coepuscular state, Agglutination of words and images. Asyntax	Regression Reversion Condensation Asyntax Catatimia + beginning of expressionism - images changed by affectivity	90000
	DISTURBANCE OF ATTENTION man simulates death in self defence so as to avoid struggle	CATATONIC Imitation of death and despair (birth of lies)	Trance stupor, dumbness onirical anomalies Isolation Despersonalization: feels he doesn't exist Desintegration of per- sonality, loses culture La Tourette, 1885 insistent obscene words followed by hiccups	Negativism Hypobulic mecha- nisms stupor and panic	220 000
	DISTURBANCE OF MEMORY By the sequence: Amnesia -Parannesia-Hypnosis of sea man acquires control of his existence - this con- trol is stereotyped by the practice of Hypnotism By Amnesia and Paran- nesia in which inter- relations which give safety	CATATONIC HEBEPHRENIC and SIMPLE reduction of external interest: no activity	Monotonous repetition in child, in psycho- morbid and in primitive man, in man in evolution The beginning of displace- ment of fear will lead to animism and to Homo Faber Man the LER.	Rhythmic Displacement	350 000
	DISTURBANCE OF DIRECTION This gave man like movements of a sane and ballet before he learned to walk so as to protect him against the unforeseeable and the unexpected	HEBEPHRENIC	Time, space and perso- nal relations are not perceived by child, man in evolution and the psycho-morbid man and child have not discovered their paces and are wavering through the world in direct ballet	Residues of vegetative movements and exhaustion of the reflex apparatus	480 000 beginning of articulated activities will lead to Homo-Socius
	DISTURBANCE OF EMOTION	SIMPLE SCHIZOPHRENIC CATATONIC	Reclusion and isolation Fear Impulsive and unex- pected activities Excitation-Affective Coepuscular state Beginning of depressive maniac	Regression Wish for contact = toxic- lism Ambivalence opposed sentiments: pure - impure, taboo	it was not
DISTURBANCE OF THOUGHT	PARANDIA DELIRIUM of superiority and persecution - also improbable, impossible, no return to reality	Self defence leading to formation of the Ego	Regression leading to narcissism	it was not	

ARQUIVO

NOTAS PARA A RECONSTRUÇÃO DE UM MUNDO PERDIDO

Flávio de Carvalho

Flávio de Carvalho foi um artista inclassificável. Contemporâneo aos modernistas Oswald e Mario de Andrade, Flávio, no entanto, pode ser considerado um modernista periférico. Gilberto Freyre no prefácio a *Os Ossos do Mundo* dizia que Flávio de Carvalho era o primeiro pós-modernista. Engenheiro, arquiteto, artista plástico, escritor, delegado antropófago, entre outras atribuições possíveis, Flávio de Carvalho foi uma figura intempestiva. Em 1931, Flávio de Carvalho atravessa na contramão e de chapéu uma procissão de Corpus Christi. A experiência é descrita e analisada no mesmo ano em seu livro *Experiência nº 2*. Em 1933, Carvalho lidera o CAM (Clube dos Artistas Modernos) onde realiza uma série de conferências e exposições. Dentro do CAM, Flávio cria o *Teatro da Experiência* e encena, depois de longos dias tentando conseguir autorização da polícia, uma peça de sua autoria: *O Bailado do Deus Morto*. No ano seguinte, Flávio parte para Europa e publica, em 1936, impressões da sua viagem em *Os Ossos do Mundo*. Em 1956, Flávio começa a publicar no *Diário de S. Paulo* uma série de textos sobre "a moda e o novo homem". Sua intenção era reunir esses textos em um livro sob o título *Dialética da Moda*. O livro, entretanto, foi publicado somente em 2010 pela editora Azougue. Ainda em 1956, Flávio cria o "new look", um traje de verão adequado para os homens dos trópicos, composto por uma saia, uma blusa de mangas bufantes, sandália, e uma meia-arrastão que era opcional. A experiência nº 3 é o desfile de Carvalho pelas ruas de São Paulo com seu "new look" que gerou, evidentemente, críticas de todos os tons. A experiência nº 4 acontece em 1958 quando o artista parte para uma expedição de primeiro contato com uma tribo do alto rio Negro. Além das experiências, Flávio participou de uma série de concursos arquitetônicos com projetos jamais aprovados. Sua atuação nas artes plásticas tem a marca forte da *Série Trágica*, de 1947, formada por nove desenhos de sua mãe morrendo. A pintura demoníaca ao invés da operática, a antropomorfia ao invés de Deus, a intensidade ao invés da forma, o homem nu, a antropofagia, fizeram de Flávio, sem dúvida, o mais dionisiaco dos modernistas. *Notas para a reconstrução de um mundo perdido* é um conjunto de 65 textos de Flávio de Carvalho publicados no *Diário de S. Paulo* entre janeiro de 1957 e setembro de 1958. Os primeiros vinte e quatro textos da série aparecem sob o título *Os gatos de Roma*. A partir da nota 25, a série passa a ser intitulada como *Notas para a reconstrução de um mundo perdido*. A republicação dessas *Notas* no *SOPRO* não pretende trazer um material de arquivo morto, ao contrário: a aposta é lançar esse pensamento intempestivo e fascinante para que ele produza efeitos no presente. O que podemos adiantar é que se trata de um trabalho ambicioso realizado por um "arqueólogo mal-comportado", como Flávio mesmo se definiu. As *Notas* foram reproduzidas e transcritas por Flávia Cera, a partir de pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Reprodução de um dos planos que Flávio de Carvalho traçou para as *Notas*. Uma versão em alta resolução deste plano pode ser visualizada em <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/notas.gif>

I - OS GATOS DE ROMA

O sorriso inicial do Império Romano

Há sempre turistas sul-americanos que querem cair de branco as velhas fachadas de Roma. A população turística, no momento em que escrevo, é quase exclusivamente americana do norte, havendo poucos ingleses e franceses. O turista é sempre tratado com a maior deferência porque ele traz para o país uma das suas maiores rendas e a amabilidade italiana se concentra e se dirige sempre rumo à sua majestade turista. Até a gasolina para o turista custa menos que para o italiano.

Um carro com uma chapa USA, pintada em letras bem grandes pode cometer as maiores barbaridades contra os regulamentos de trânsito sem ser molestado e certamente sem ser multado.

Guiei um carro nestas condições durante algum tempo e nunca se quer me perguntaram pela minha licença e os documentos, pois não os tinha.

Roma é conservada rigorosamente limpa, por dentro e por fora. Mesmo nos locais mais humildes, a população sadia, bem vestida, tem a beleza e o porte da estatuaria do Império Romano, e a todo o momento cruzamos com homens e mulheres que poderiam estar nas páginas da história há 2000 anos atrás. Não há mendigos e nas ruas asfaltadas não se vê um buraco e contudo os romanos reclamam sempre.

Vestígios de um sorriso antigo são vistos fora da estatuaria, nos seres vivos que se locomovem por toda a parte. É o célebre sorriso da civilização arcaica, importado pelas invasões gregas 700 anos antes de Cristo. É o mesmo sorriso encontrado nas cariátides dos Tesouros dos Sifinianos, nos Kuros de Kalybia e Melos, nos Kuros de Thera da Escola Jônica, na Kora do Erecteion e na Nikeia alada de Delos. Esse importante sorriso já existia no início do arcaico e a sua influência na península torna-se preponderante, marcando a expressão do habitante através de milênios e se distribuindo em diversas formas pela escultura e pela pintura. O próprio sorriso da Mona Lisa, de Da Vinci, é um derivado do importante sorriso arcaico e se associa tanto ao sorriso feminino da célebre Kora, do Museu da Acrópole, como ao sorriso masculino do Kuros, de Kalyvia. Da Vinci se utilizou de um homem como modelo para a sua Gioconda e não da mulher Mona Lisa e no Museu do Louvre encontramos esse fato bem comprovado quando observamos as diversas obras de Da Vinci, lá expostas.

Todos os sorrisos que permaneceram na história da Itália e ainda hoje encontrados na península são derivados do famoso sorriso arcaico provenientes das invasões gregas. É importante

notar a parte enigmática desse sorriso que parece ter alguma ligação com a expressão dos lábios do Fênix, dos fenícios, e que esta expressão parece ser um fator comum da orla do Mediterrâneo e do mar Adriático ou mais precisamente da orla do Império Romano.

Se assim for estabelecido, o sorriso arcaico seria um sorriso inicial do Império Romano como também seria o primeiro sorriso do Ocidente, inteiramente formado pela influência cultural do Império Romano.

É interessante notar que esse sorriso se conservou na sua forma bruta primitiva na orla dos mares internos, tendo-se aperfeiçoado somente com a sua penetração no Ocidente. O aperfeiçoamento consiste em burilar o sorriso, em patiná-lo, em torná-lo menos agressivo conservando a sua feição enigmática.

Há influência desse famoso sorriso, a fundo, em toda a Europa; o sorriso é encontrado petrificado tanto na Alemanha como na Inglaterra, como na França e constitui a sobrevivência mais atraente da escultura na formação cultural européia.

O italiano explora intensivamente a menor peça arqueológica e faz com que a grandeza do passado se encontre sempre onipresente. A importância do passado é a importância de Roma, todas as camadas históricas se encontram representadas na capital do cristianismo, Roma é um livro de história que apresenta em forma ainda viva as circunvoluções de uma nação desde o começo. A cidade toda é um gráfico demonstrativo e de grande beleza sugestiva da vida e dos desejos da nação. Foi ela o epicentro que propagou os abalos e os temores de um império que se estendia, elípticamente, em redor. O anel elíptico do Império Romano, sem interrupção, adquiriu a sua morfologia como consequência das pressões culturais sofridas pelas invasões etruscas, gregas, fenícias, celtas e ilyrias, de 500 a 800 anos a.C. A forma elíptica do Império Romano é uma reação às invasões culturais guiadas pela fisionomia do Mare Internum (Mediterrâneo) que tem a forma elíptica.

Fechar a elipse era tão necessário ao Império quanto contornar uma cidade antiga com um muro alto sem interrupção a fim de atender à sua defesa.

Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 6 de janeiro de 1957.

II - OS GATOS DE ROMA

Vila Julia – Sonambulismo da História

É aconselhável se aproximar de Vila Júlia em fiacre aberto ou a pé e ao primeiro contato visual, sorrir e agradecer à companhia do sexo oposto se dirigindo ao céu azul e ao ar leve e apontando alegremente para os ramos da vegetação que enquadram o portão da entrada.

O visitante motorizado iniciaria a sua visita fora de ritmo com o mundo visitado e o cheiro de gasolina interfere com a tranqüilidade do céu azul destruindo o perfume exalado pela vegetação. A própria morfologia do veículo a motor perturba as relações rítmicas dos volumes que se apresentam à aproximação.

A companhia do sexo oposto é útil porque provoca a polarização dos sexos e esta precipita o salutar gracejo natural cujas caretas resultantes aparecem como resíduo e sobrevivência da própria luta entre os sexos; resíduo da fera antiga em atitude de ataque e raiva que é visualmente interpretada como uma atitude amável para com a paisagem imediata.

Esta bipolarização é aconselhável porque sendo de natureza basicamente sexual coloca todo o organismo em estado de alerta, de expectativa e agitação ampliando em magnitude e espécie a sensibilidade e a receptividade para com o mundo em frente.

Evite o uso de guias, pois uma terceira pessoa alheia a idéia de visitar diminuiria a sensibilidade do visitante para com a paisagem imediata e aquilo que conta em Vila Julia é precisamente a qualidade arquitetônica e a expressão estética que seriam perturbadas por informações cronológicas de um guia.

A qualidade arquitetônica e a expressão estética são sentidas por – ao que parece – um processo de associação de idéias com camadas filogênicas do inconsciente coletivo. A natureza da emoção estética só pode ser localizada numa das encruzilhadas filogênicas. As emoções estéticas tomam parte nas mutações revolucionárias que conduzem à eclosão do homem como indivíduo e por esse motivo devem ser localizadas nos pontos direcionais da filogenia. A emoção estética não é explicável por um raciocínio lógico ou pertencente ao mundo imediato da vida e da consciência... e não deve-se tentar fazê-lo sob pena de desperdiçar um precioso tempo sem resultados. A emoção estética deve ser considerada como uma brecha nas malhas da consciência e do mundo organizado e estabelecido, como um rompimento do dogma diário: é como abrir uma janela para um outro mundo.

Não discuta com o cocheiro do fiacre, pois pode perturbar os laços afetivos que começaram a nascer no visitante já em primeiro contato com Vila Julia. Um cocheiro de fiacre geralmente é um personagem alheio às emoções do visitante e pertence ao mundo pré-estabelecido da consciência imediata e do dogma e se encontra de tal maneira engaiolado nesse mundo que dificilmente respeitaria as emoções impostas pelo ambiente ao visitante. Somente uma ou outra vez na vida se visita Vila Julia e por esse motivo a visita deve ser contornada de todo o carinho estético tomando-se precauções para impedir que o devaneio da meditação venha a ser perturbado por qualquer realejo da vida diária. A meditação em marcha quando interrompida pelo processo “realejo” tem dificuldades em retomar o seu caminho e se ausenta do visitante, criando um vazio inexpressivo onde o visitante é ritmado a uma espécie de dança de São Guido provocada pelo nocivo processo de “realejo” da vida diária. Sair dessa dança de São Guido é salutar e retomar a meditação, embora com dificuldades, é aconselhável.

Vila Julia deve ser visitada de estômago vazio, antes de uma refeição, por exemplo, e o pretendente à visita não deve levar bengala, pois há uma necessidade de se sentir leve como um pássaro para enfrentar convenientemente e com contraste suficiente as pedras de centenas de anos. Vila Julia não tem idade definida porque é uma expressão estética e uma expressão estética pertence ao sonambulismo da História. Sem dúvida esse sonambulismo aparece para mostrar aos homens as grandes encruzilhadas da sua vida e aquilo que foi destruído e desapareceu sem traços e que não surge no sonambulismo, deixou de fazer parte essencial do organismo da História, não oferecendo a estrutura de uma encruzilhada.

Há um pé de louro entre dois jardins: esmague na mão algumas folhas aspire profundamente o perfume oferecendo-o a uma companheira de preferência de cabelos tingidos de cor de cobre brilhante, por motivos de contraste com as pedras antigas. Não dirija palavra articulada à companheira (podendo usar grunhidos se a decência o permitir) e conserve-a a distância, pois ela deve funcionar como um enfeite das pedras e não deve perturbar a maior comunhão telúrica estabelecida.

Não convém levar folhas de louro no bolso, nem mesmo por motivos sentimentais, pois o perfume não se conserva e a folha logo seca torna-se desagradável e inútil como um cadáver.

III - OS GATOS DE ROMA

As feridas abertas da arqueologia – O europeu quer a guerra

Querer cair de branco as fachadas de Roma deve ser considerada uma manifestação de pacifismo e talvez como uma manifestação de pureza da alma ou de infantilismo. É pacifismo não pela cor, mas sim pelo desejo de fechar as feridas da arqueologia. Esse desejo sul-americano, que aparece com frequência alertadora, indica uma tendência continental. O pacifismo é peculiar ao sul-americano. O sul-americano não tem tradições e por isso não está preso aos laços afetivos do passado, não está preso a um artesanato que em si tem um sentido quase erótico mesmo porque o sul-americano não possui artesanato, não está preso ao escrúpulo moral que é uma consequência da tradição. A ausência de escrúpulo moral faz com que o sul-americano seja um indivíduo mal comportado, um ser frequentemente com exuberância vulgar, às vezes um rastaquêra. Seria isto um futuro traço de superioridade? O escrúpulo moral é essencialmente um atributo do beato e o funcionamento da beatitude tem, como infra-estrutura, o espetáculo do passado.

Querer saber conservar as feridas do passado abertas ou perpetuar a arqueologia é um desejo de perpetuar o sofrimento e a dor e é peculiar ao europeu. Esse masoquismo do europeu, incitado em magnitude pelo grande espetáculo de dor do Cristo em feridas, crucificado e exposto à concupiscência dos espectadores, no teatro da História, impressionou o Ocidente orientando-o no seu comportamento ético.

As feridas são apresentadas na arqueologia da História como um espetáculo de beatitude e de contemplação, num espetáculo apropriado a produzir sofrendores e masoquistas e, por conseguinte, um espetáculo capaz de formar piedosos aglomerando-os em torno da dor e da mutilação. As feridas, além de induzir a um desejo estético marcado pela sugestão heróica em forma de espetáculo daquilo que ficou e sobreviveu, as feridas não se alteram e funcionam cataliticamente para o europeu a fim de apontar rumo a um comportamento definido, algo com o frio trágico de um Calvino ou de um Savonarola, um comportamento capaz de satisfazer a todos os escrúpulos morais, gerando este certo sentido ético, sem o qual a tradição jamais seria

mantida. Toda ética européia provem desse espetáculo de dor e de sofrimento, apresentado à contemplação beática pela arqueologia e, em consequência, o europeu é um ser essencialmente masoquista, um homem que deseja sofrer e que baseia seu comportamento na recuperação do ser pela dor.

O escrúpulo moral do europeu ou a sua ética do dever, que é uma consequência da tradição, produz um jogo de comportamento que o leva ao masoquismo como forma obsessiva e em seguida neurótica. Esse comportamento funciona no europeu como auto-fustigação, como um desejo de dor e de sofrimento e o seu escrúpulo moral se transforma num prazer voluptuoso. A beatitude arqueológica que visa conservar as feridas abertas torna-se uma manifestação de masoquismo e narcisismo onde o contemplador se admira a si mesmo como herói sendo a sua pessoa transformada para esse fim em ruína arqueológica. O beato-contemplador é sempre consequência do escrúpulo moral. Há um destino da ferida na arqueologia européia; ela deve ser mantida aberta para conservar sempre vivo o espetáculo voluptuoso da dor, sustentando dessa maneira a ética proveniente dos escrúpulos morais gerados na tradição.

Expição e castigo se encontram de maneira marcante na estrutura anímica do europeu e o seu sentido ético, quando considerado como parte do fluxo do organismo social, se apresenta como uma imposição brutal da História, uma forma de ditadura da História, inevitável e pertencendo a um ciclo evolutivo e o seu escrúpulo moral é conservado e exercido como defesa própria. A ditadura da História é exercida por forças dramáticas de grande potencialidade visual e emotiva que aparecem, periodicamente, no panorama cultural, como por exemplo, o advento de Cristo, e que se prolongam o tempo necessário para sublimar uma angústia antiga ou corrigir erros que visariam prolongar a continuação da espécie. Um período masoquista não é necessariamente um período de auto-destruição mas sim de auto-expição e de auto-castigo. No momento que passa, o europeu é eticamente um masoquista e seus escrúpulos morais se conservam e são provenientes do espetáculo da dor e talvez seja este um dos motivos pelos quais o europeu no seu íntimo deseja e acata a guerra como sendo parte da sua defesa anímica.

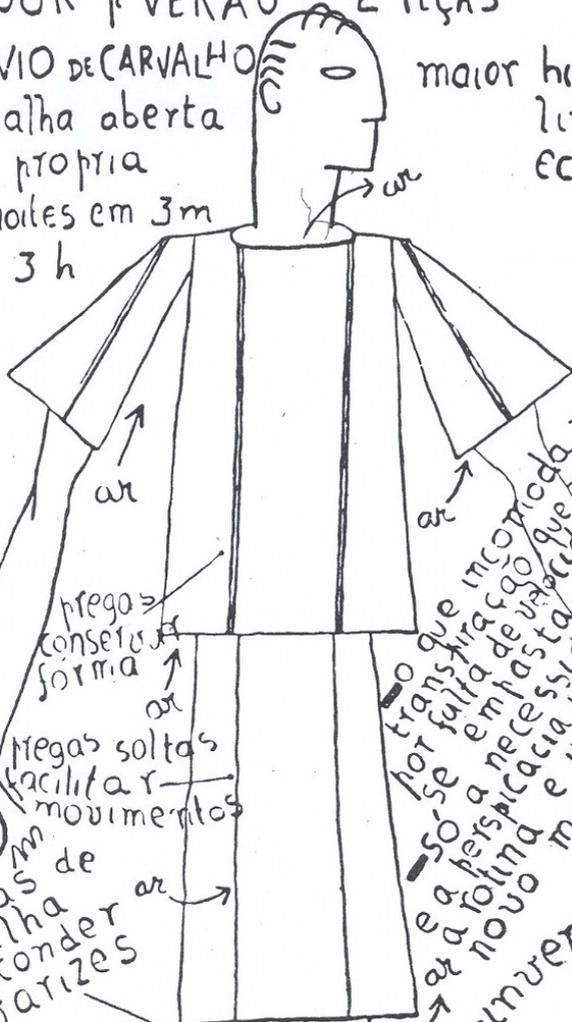
Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 20 de janeiro de 1957.

NEW LOOK P VERAO = 2 PEÇAS

DE FLAVIO DE CARVALHO

tecido malha aberta
lavagem própria
todas as noites em 3m
Seca em 3 h

maior higiene
limpessa
economia



o que incomoda no calor é a
transpiração que não se evapora
por falta de umidade no ar e
so-se empasta no tecido e que
é a necessidade de desodorante
e a falta de higiene pessoal
ar novo modelado com larca
prestigio

- Sensação calor
- funciona como bomba
- 3 movimentos e
- estilo adequado
- cores vivas substituídas

varia com velocidade de ar
e válvulas p bombear ar
braços renova ar
a gordos e magros
em desejos agressão
tendem evitar guerras

ENDEREÇO FAZ. CAPUAVA
VALINHOS
E DE S PAULO

Sandália

